

IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2012.

Tempos estudantis: memórias da experiência universitária na Universidade de São Paulo de 1960 a 1990.

Perez Mortada, Samir.

Cita:

Perez Mortada, Samir (2012). *Tempos estudantis: memórias da experiência universitária na Universidade de São Paulo de 1960 a 1990. IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-072/643>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/emcu/OuQ>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

TEMPOS ESTUDANTIS: MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO DE 1960 A 1990

Perez Mortada, Samir

Faculdade São Bento da Bahia

Resumen

Este trabalho tem como base lembranças de militantes estudantis do Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). A partir de suas perspectivas, são estabelecidas interlocuções entre tempos diferentes da experiência estudantil (anos 1960, 1970, 1980 e 1990), inspiradoras para refletir sobre a vida universitária e a educação superior nos dias atuais. No contexto das entrevistas, cinco temas se destacaram: 1 – espaços da universidade, 2 – cultura e vida universitária, 3 – política e universidade, 4 – antagonismos de classe e vida universitária e 5 – formação universitária, técnica e mundo do trabalho. Para as reflexões sobre formação, recorreu-se aos trabalhos de Theodor W. Adorno, em especial ao conceito de semiformação. Foram também, em caráter transversal, imprescindíveis as contribuições de Walter Benjamin sobre narrativa e experiência, perpassando todas as etapas da pesquisa. Espera-se que este trabalho contribua para a reflexão sobre a educação superior e a experiência universitária, considerando as rápidas e intensas transformações observadas na atualidade. A partir dos temas abordados pelas entrevistas, testemunhos de outros tempos, é intenção estabelecer um deslocamento diacrônico, possibilitando contrastes e apontamentos críticos em relação à universidade contemporânea e aos riscos de sua descaracterização.

Palabras Clave

universidade memória experiência psicologia

Abstract

STUDENT TIMES : MEMORIES OF UNIVERSITY EXPERIENCE AT SÃO PAULO UNIVERSITY FROM 1960 TO 1990

This research is based on students activists' experiences into São Paulo University's Psychology course (USP). A connexion among different decades of students experiences (1960, 1970, 1980 and 1990 years) is established from theirs perspectives, inspiring a reflection about University life and nowadays higher education. Within the context of the interviews, five themes have stood out: 1 - Physical space 2 – Culture and University life, 3 – Politics and University, 4 – Social classes antagonisms and campus life. 5 – University Education, techniques and workplace. Considerations about education were based on inputs of Theodor W. Adorno works in special the concept of sub-formation. There were also cross-cutting essentials contributions of Walter Benjamin (1994) about narrative and experience, spanning all stages of this research. The aim of this study is to contribute to analyses about higher education and university experience, considering the intense and swift transformations noticed nowadays.

Based on subjects approached at the interviews, testimonies of other times, the intention was to establish a diachronic movement in order to enable contrasts and critical notes related to the contemporary University and the risks of losing its characteristics.

Key Words

University memory experience psychology

Introdução e justificativa

Este trabalho tem como base lembranças de militantes estudantis do Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo. A partir de suas perspectivas, evocadas através de entrevistas semiestruturadas de memória, são estabelecidas interlocuções entre tempos diferentes da experiência estudantil (anos 1960, 1970, 1980 e 1990), inspiradoras para refletir sobre a vida universitária e a educação superior nos dias atuais.

No contexto das entrevistas realizadas, cinco temas se destacaram, e serão aqui estabelecidos como eixos de convergência para as lembranças dos militantes: 1 – espaços da universidade, 2 – cultura e vida universitária, 3 – política e universidade, 4 – antagonismos de classe e vida universitária e 5 – formação universitária, técnica e mundo do trabalho. Tais temas suscitaram recursos a diversos autores, teóricos e pesquisadores, debruçados sobre as questões trazidas pelos militantes. Para as reflexões gerais sobre a universidade, tiveram papel central os estudos de Marilena Chaui (2001) e Irene Cardoso (2001); para as reflexões sobre cultura e vida universitária, recorreu-se aos estudos de Theodor Adorno sobre indústria cultural (1971) e de Alfredo Bosi (1987), sobre cultura de massas e cultura popular; para as reflexões sobre antagonismos de classes sociais e seus impactos subjetivos, tomou-se como centro a concepção de humilhação social de José Moura Gonçalves Filho (2007); finalmente, para as reflexões sobre formação, recorreu-se novamente aos trabalhos de Theodor W. Adorno, em especial ao conceito de semiformação (1995; 1996). Foram também, em caráter transversal, imprescindíveis as contribuições de Walter Benjamin (1994) sobre narrativa e experiência, perpassando todas as etapas da pesquisa.

A preocupação central deste estudo, menos que apontar respostas precisas e unívocas para as questões levantadas, é estabelecer campos de sentido para a compreensão de diferentes dimensões da condição estudantil. Sob tal perspectiva, espera-se que o trabalho contribua para a reflexão sobre a educação superior, considerando as rápidas e intensas transformações observadas na atualidade. A partir dos temas abordados pelas entrevistas, testemunhos de outros

tempos universitários, é intenção estabelecer um deslocamento diacrônico, possibilitando contrastes e apontamentos críticos em relação à universidade contemporânea e à sua descaracterização (Mancebo, 2004; Silva Junior, 2004).

O método

Este estudo, orientado pelos trabalhos de Bosi (1994; 2003), procurou dar ênfase à perspectiva dos militantes, àquilo que eles lembraram e, lembrando, revelaram como essencial em suas vidas. Optou-se pela modalidade semiestruturada de entrevistas. O roteiro pretendeu mais provocar narrativas do que respostas dissertativas e que supusessem um gabarito. Nas entrevistas, procurou-se instaurar condições para a realização de um trabalho da memória. Por meio de questões simples e capazes de reclamar uma narrativa, a intenção foi provocar a lembrança de vivências concretas, episódios, fatos, espaços, objetos e pessoas: tudo o que a recordação recolhe e recolhendo examina, julga e discute.

Os entrevistados são estudantes do Instituto de Psicologia da USP que se engajaram no movimento estudantil. São participantes da vida universitária em diferentes períodos, entre as décadas de 1960 e 1990. Foram, ao todo, dez os entrevistados, pertencentes a diferentes grupos políticos. Como critério para a escolha destes participantes, recorreu-se a levantamento de nomes entre estudantes e ex-estudantes de psicologia da Universidade de São Paulo, identificando aqueles militantes lembrados com mais frequência e intensidade por seus contemporâneos. Também contou como critério essencial que os próprios militantes reconhecessem como significativa a própria experiência universitária e a participação na política estudantil.

Durante o trabalho de interpretação das entrevistas, tomou-se por orientação o que André (1983) caracteriza como análise de prosa, a meio termo entre a análise de conteúdo e as metodologias de análise do discurso. Tomou-se também como referencial psicossocial para as interpretações os apontamentos que Bosi (2003) estabelece acerca da memória. Para a autora, o tempo se organiza menos cronologicamente do que por eventos, acontecimentos singulares, o que chama de marcos de significação concentrada. A lembrança desnuda o que foi empobrecedor e o que foi enriquecedor. Revela aquilo que marcou; que foi alvo de investimento, de angústias e afetos. Pequenos instantes são trazidos com seus pormenores, vivos, suscitando intenso esforço do depoente no percalço dos acontecimentos, das pessoas, das datas e dos lugares. É esse árduo esforço que Ecléa denomina trabalho da memória.

Reflexões suscitadas pelas entrevistas

Espaços da universidade

Há significativa diferença entre as lembranças de militantes mais velhos e militantes mais novos relativas aos espaços físicos da Universidade de São Paulo. A instituição sofreu importantes transformações durante as décadas abrangidas pelos depoentes. O Curso de Psicologia, antes oferecido nas dependências da Rua Maria Antonia, foi obrigado a deslocar-se para o bairro do Butantã junto aos demais cursos lá abrigados, depois da destruição parcial do prédio por consequência do que ficou conhecido como Batalha da Maria Antonia (Santos, 1988). Esse marco aparece na lembrança dos militantes mais velhos, na intensidade com que lembram do antigo prédio. Em contraste, os militantes dos anos 1990 lembram da frieza

e por vezes do abandono do novo espaço.

Nesse aspecto, outro elemento se destaca e contrasta os tempos da política estudantil. Os militantes mais novos apontam um espaço universitário cindido entre militantes e não militantes. Um espaço para os não-militantes que se configura como transitório, de passagem, em contraste com o espaço intensamente habitado da Maria Antonia. Os espaços frequentados pela política estudantil dos anos 1990 não têm esse apelo. Frequentemente, são também lembrados com espaços abandonados, descuidados tanto pelos militantes como pela universidade.

Cultura e vida universitária

A efervescência cultural dos anos 1960 é conhecida e amplamente estudada. Nas lembranças de estudantes da época, o tema vem espontaneamente, indissociável da experiência política. As propostas estéticas frequentemente suscitavam debates políticos, opunham grupos de forma intensa e pública, como bem evidenciam os festivais de música da Record durante o período. São também conhecidas as experiências do CPC (Centros Populares de Cultura) da UNE, e o teatro Oficina, em São Paulo. O cinema e a literatura também são evocados com intensidade pelos estudantes dos anos 1960. Nesse campo, em relação às entrevistas com militantes mais novos, a diferença é patente (Mesquita, 2006). O tema da cultura é raramente associado à experiência política, ou mesmo à experiência universitária. Música, literatura, cinema, teatro eram usufruídos pelos estudantes, mas como que em instâncias separadas. Não raro, tais elementos culturais figuram, em oposição às lembranças de militantes mais velhos, como partitivos, distintivos entre grupos de estudantes, denotando distinções de origem e classe social.

Cabe aqui refletir sobre as diferentes concepções de cultura sugeridas pelos tempos estudantis. A distinção se faz pela proximidade ou distância que os objetos produzidos pela cultura demonstram em relação à experiência dos sujeitos. Nas lembranças mais antigas, filmes, música, teatro, literatura aparecem próximos e estritamente enraizados na experiência vivida. Aparecem próximos também quanto à sua produção. No momento posterior, as lembranças de tais elementos denotam maior distanciamento entre estes e a experiência dos sujeitos. Há aqui um processo de reificação (Goldmann, 1979) destes bens culturais, que não raro figuram como símbolos de status, partitivos entre os estudantes.

Política e universidade

O contexto político variou consideravelmente durante o período estudado. Os depoimentos abrangem os anos que antecederam a Ditadura civil-militar no Brasil, até os momentos iniciais da hegemonia neoliberal e arrefecimento dos movimentos sociais. O movimento estudantil acompanhou tais contextos, e as lembranças aqui suscitadas são intensas em todas as épocas. Os estudantes testemunham variações radicais ocorridas em intervalos curtos de tempo. O movimento estudantil nos anos 1960 vive intenso processo de fortalecimento, de crescimento em um contexto democrático, que é duramente atingido em 1960 com o Golpe Militar. As mobilizações continuam, a despeito da repressão. As possibilidades de um movimento político democrático são mantidas, com grandes manifestações em diversas cidades brasileiras (Poerner, 1979). Em 1968, tal quadro se transforma. O contexto nacional passa por um momento de inflexão, definido pelo AI-5. A partir de então, começa

o período conhecido como Anos de chumbo, com intensa e cruel perseguição aos grupos clandestinos de esquerda.

Nesse ponto de interdição brutal, mais do que as possibilidades da política, é abortada uma complexa e integrada experiência. O golpe dirige-se ao poder político, ao campo das resistências sociais. No entanto, como já sugerido, tal esfera nunca esteve à época tão associada à cultura, à formação, ao cotidiano vivido. O golpe atinge a vida em sua completude existencial, o que fica evidenciado nas entrevistas.

Dos anos de chumbo, temos um processo de enfraquecimento da Ditadura civil-militar a partir de 1975. O regime oscila entre a intensificação das mortes de opositores políticos, e o estabelecimento de um processo de transição (Gaspari, 2004). Nesse contexto, o movimento estudantil mobiliza-se em torno da Campanha pela Anistia. Depois de um duro período de clandestinidade imposta, abre-se a possibilidade de movimentações de massa. É interessante notar aqui a ambiguidade do momento, as dificuldades de avaliá-lo, dada a experiência anterior de fechamento político de 1968. Muitos militantes desconfiam das efetivas possibilidades do movimento de massas nesse momento, e são surpreendidos pela intensidade das mobilizações.

Nos anos 1980, o movimento estudantil participa intensamente das movimentações e organizações populares protagonizadas pelo movimento sindical (Sader, 1988). As lembranças dos estudantes são ricas nesse sentido. Embora o movimento estudantil não seja mais o protagonista nesse cenário, sua participação é intensa; seus quadros são absorvidos pelas organizações e partidos nascentes, e uma nova configuração política emerge, na transição dos grupos clandestinos para os partidos políticos. No movimento estudantil, tais impactos reconfiguram as entidades. Tem-se maior expansão e influência de partidos políticos mais profissionalizados e estruturados. A experiência estudantil, também transformada, parece afastar-se da esfera política. Acentua-se a cisão entre política e vida cotidiana, expressa nos depoimentos de militantes da época (Ribeiro Neto, 1985).

Nos anos 1990, essa cisão parece estabelecida. Entidades como UNE, UEE, e mesmo os DCEs, aparecem radicalmente apartadas dos demais estudantes, controladas por forças político-partidárias que lhe são alheias. Essa cisão relaciona-se com um momento de arrefecimento da política. No contexto global, os depoimentos dos militantes mais novos abrangem o fim da guerra fria, simbolizado pela queda do Muro de Berlim; no contexto nacional, temos os primeiros anos do governo Fernando Henrique Cardoso, e o arrefecimento dos movimentos sociais. Nesse conjunto, o que se nota nas lembranças dos militantes, frequentemente, é uma experiência política adoecida, traumática sob diferentes aspectos. Não temos o trauma físico, o trauma da brutalidade militar autoritária, certamente incomparável naquilo que sevicia o sujeito. Mas um trauma silencioso, de perda de sentidos da esfera pública, de utopias organizadoras, de possibilidades de ações coletivas. As relações políticas adoecem, ganham contornos mesquinhos e comezinhos, sintomas do contexto político da época. As lembranças dos militantes dos anos 1990 são carregadas de passagens que caracterizam o peso e o esvaziamento dessa experiência.

Antagonismos de classe e vida universitária

Desde suas origens na década de 1930, a Universidade de São Paulo abrigou estudantes de origens sociais distintas. No início de seus estudos, jovens de origem abastada conviviam com colegas das camadas médias da população, em maior ou menor proporção, a depender dos cursos e unidades da universidade.

Nos anos 1960, houve intensas mobilizações estudantis em torno da campanha dos excedentes. Nesse contexto, reivindicava-se a entrada de estudantes aprovados no vestibular, mas não absorvidos por não haverem vagas. A situação se transforma com a ampliação de vagas em diversos cursos, e a entrada de maior heterogeneidade social de estudantes. A vida universitária se diversifica. Estudantes de diferentes origens culturais socioeconômicas convivem em um ambiente político efervescente. As lembranças dos militantes da época traz relatos dessa heterogeneidade, e de como eram vividos, entre os estudantes, os antagonismos de classe.

O caráter elitista do curso de Psicologia da USP não mudou durante o período. Manteve-se, contudo, certa heterogeneidade, com a presença, ainda que minoritária, de estudantes das camadas sociais intermediárias. Nos anos 1980 e 1990, também são trazidas lembranças relativas às desigualdades de classe entre os estudantes. Estas lembranças, no entanto, aparecem de formas distintas às lembranças congêneres dos mais velhos. Os estudantes de origem popular lembram do caráter partitivo, excludente, de certas situações sociais. Ressentem-se, por vezes, por se encontrarem em um lugar que não se destina a eles. É como se os colegas já se conhecessem dos colégios tradicionais da elite paulistana: conheciam outras músicas, outros filmes, elementos distintivos entre estudantes ricos e pobres.

Sob esse aspecto, as lembranças dos militantes evocam o tema da humilhação social (Gonçalves Filho, 2007). Se humilhar significa colocar o outro em posição inferior, rebaixá-lo em sua dignidade, colocando-se com soberba, o termo humilhação social assume uma conotação mais específica, um fenômeno que incide em grupos humanos, sejam minorias étnicas ou de gênero, categorias e classes sociais. Em especial, na sociedade capitalista, tem como alvo a população pobre.

Na acepção de Gonçalves Filho (2007), humilhação social é uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da desigualdade de classes. Angústia é aqui empregada em seu significado psicanalítico, supondo impulso indeterminado de energia psíquica; impulso desvinculado de símbolos e representações necessárias para que a pessoa possa enfrentá-lo pela linguagem e ações conscientes.

Humilhação social, segundo o autor, é evidentemente um sofrimento radicado na história e na política. Não surpreende, portando, que em tempos de política magra seu enfrentamento torne-se mais difícil. A comparação entre as lembranças sugere a hipótese que, se no passado tais antagonismos existiam entre os militantes, a esfera política os abrandava de alguma forma, ainda que precária e incompleta. Nos anos 1990, o esvaziamento da política e da experiência universitária não é suficiente para o enfrentamento, ainda que parcial, do problema da humilhação social.

Os militantes entrevistados durante a pesquisa eram psicólogos, formados pela mesma instituição. Pode-se compreender por suas lembranças índices das transformações sofridas na graduação em psicologia, mas também na educação superior de maneira geral. Os conteúdos alargaram-se e tornaram-se mais heterogêneos. Novas possibilidades teóricas e de prática profissional se estabelecem, enriquecendo o pensamento e os horizontes profissionais. O campo de trabalho também se diversifica, produzindo impactos na formação. Ampliam-se também, na psicologia, a abrangência de teorias críticas aos modelos tradicionais, aproximando a profissão de questões sociais centrais na vida nacional. Anuncia-se, de forma explícita, a partir dos anos 1970, as possibilidades do tão falado compromisso social da psicologia e dos psicólogos (Bock, 2003).

Há, portanto, uma série de avanços em relação à formação universitária. No entanto, há também nas lembranças sinais de retrocessos, de estreitamento das perspectivas intelectuais, sobreposição da técnica a ser empregada para o mercado em relação aos outros elementos da formação. No caso da formação do psicólogo aqui abordada, nota-se o processo de tecnicização da formação, que se aparta progressivamente da filosofia. Esse processo tenso de afastamento é percebido desde os anos 1960, e testemunhado em sua radicalidade nos anos 1990. São diversos os estudos que apontam tal tendência anunciada nas entrevistas (Romão & Monfredini, 2009; Silva & Silva, 2006), em estreita vinculação com as demandas de mercado relativas à educação superior e à formação de mão de obra especializada. Este tema tem especial interesse na atualidade, em que assistimos a uma clara priorização da formação técnica e tecnológica, com grandes investimentos do estado e da iniciativa privada.

Inevitável lembrar as concepções de Adorno (1996) sobre semiformação, sua crítica à submissão da racionalidade e da educação à técnica, e desta ao mercado, e as consequências desse processo para a consciência crítica e para a dominação. Para o autor, a educação deve ser necessariamente uma prática emancipatória, entendendo-se por emancipação a capacidade do sujeito compreender criticamente seu meio, e de a partir de tal compreensão poder escolher, de maneira autônoma, seus destinos e os destinos de sua coletividade. Na semiformação, o que se coloca no centro é a adaptação ao contexto hegemônico, neste caso as expectativas do mercado.

Não se trata aqui de aversão à técnica em si, mas à conversão desta em finalidade última da formação, tendo como perspectiva central e hegemônica a adaptação e a eficácia segundo os critérios do mercado. Tal dimensão é sentida pelos militantes estudantis em diferentes contextos, e ganha contornos particulares no curso de psicologia, onde teoria e técnica aparecem indissociáveis, mas em constante confronto desde os momentos iniciais da psicologia científica.

Segundo Adorno, a tecnicização da formação obliera o espírito, reduzindo-o em suas possibilidades de compreensão e discernimento. Tal tecnicização tem, portanto, impactos subjetivos, muitas vezes denunciados pelos militantes.

Apontamentos finais: a universidade anunciada

A pesquisa apresentada compreende, a partir das entrevistas, quatro décadas de vida universitária, indica elementos, pistas para compreendermos suas transformações, e sugere possibilidades que testemunhamos no presente. Os espaços, a cultura, a política, a inserção de diferentes classes sociais na educação superior, a relação entre formação, técnica e mercado de trabalho são temas da ordem do dia, que não alcançamos enfrentar sem o recurso ao passado. E tal caminho não pode prescindir da experiência dos estudantes, do trabalho da memória no percalço daquilo que foi vivido, e que pode anunciar novas possibilidades para o futuro.

A partir das memórias de militantes do passado, fica clara a importância em compreender as experiências do presente em relação aos aspectos aqui sugeridos. As lembranças de estudantes dos anos 1990 testemunham um processo de precarização das universidades, de abandono de seus espaços, de restrição da experiência cultural e política que sempre marcou a universidade, de uma falsa inclusão, partitiva e elitizada, de uma formação precária e submetida às necessidades do capital.

Nos anos 1990 e 2000, com a ampliação avassaladora da educação superior, novos personagens ingressaram na universidade, ou em seu simulacro oferecido pelas instituições particulares, ou públicas precarizadas. No contexto atual, assistimos nova ampliação de vagas na educação superior, agora com expressiva participação do setor público, seja através do aumento da rede de Institutos Federais, seja através do REUNI[1]. Assistimos profundas transformações na educação superior nacional, em estreita relação com o contexto internacional. Assim, em novo momento, as perguntas sobre a tendência enunciada pelos depoimentos se recolocam, põem-se como alerta em relação à precarização da vida universitária e da experiência estudantil. A expansão da educação superior, em que pese a abundância com que termos tais como compromisso social, formação pluralista, autonomia, cidadania são utilizados na legislação pertinente, realiza-se através da oferta massiva de cursos tecnológicos, de curta duração, com aplicação bastante definida nos setores aos que se destinam.

É inevitável supor, com base nas reflexões possibilitadas pelos depoimentos, que a tendência identificada tende a se manter em relação à vida universitária e à experiência estudantil, a não ser em um número reduzido e elitizado de instituições, de universidades. Seja no contexto das instituições privadas, seja na abertura de novas vagas na educação superior pública, são colocados em xeque, na atualidade, os fundamentos sobre os quais estava sustentada a universidade. Seu habitat, convertido de acordo com os desígnios e demandas de capacitação para o mercado, é antagônico à pluralidade e liberdade de pensamento que por muito tempo determinaram a vida universitária. Embora sempre tenha estado em tensão com o poder estabelecido, nunca se constituindo em instituição hegemonicamente avessa à ordem que a criou, guardava, seja da igreja, do estado ou do mercado certa reserva, certo tempo e limites que lhe caracterizavam e distinguiam entre os demais corpos instituídos. No momento atual, seja pela conversão escancarada da educação superior em mercadoria, seja pela equiparação entre formação oferecida e técnica, a universidade tende a tornar-se indiferenciada frente a outros dispositivos de ensino, tais como colégios de nível médio ou ambientes virtuais de instrução. A perda da centralidade da vida universitária na maioria das instituições é um sintoma dessa

indistinção e descaracterização, testemunhado enquanto tendência pelos militantes, e agora em sua fase avançada pela maioria dos estudantes da educação superior no contexto nacional.

[1] Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, regulamentado pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

Bibliografia

Adorno, T. W. (1971). A indústria cultural. In: Cohn, G. (org.). Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de massa nessa sociedade (pp. 287-401). São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP.

_____. (1995). Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra.

_____. Teoria da semicultura. (1996/dezembro). Trad. de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci, Cláudia B. M. de Abreu e Paula Ramos de Oliveira. Educação e Sociedade, 56 (1), 388-411.

Bosi, A. Cultura como Tradição. (1987). In: Bornheim, G. (org.) Cultura brasileira: tradição/contradição (pp. 39-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

André, M. E. D. A. (1983). Texto, contexto e significados: alguns questões na análise de dados qualitativos. Cadernos de pesquisa, 45, 66-71.

Benjamin, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. (1994). In: _____. Walter Benjamin: Obras Escolhidas, (Vol. 1, pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense.

Bock, A. M. B. (Org.). (2003). Psicologia e o compromisso social. São Paulo: Cortez.

Bosi, E. (1994). Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras.

_____. (2003). O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial.

Cardoso, I. (2001). Para uma crítica do presente. São Paulo: Editora 34.

Chauí, M. (2001). Escritos sobre a universidade. São Paulo: Editora UNESP.

Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Regulamenta o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura.

Gaspari, H. (2004). A ditadura envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras.

Goldmann, L. (1979). Dialética e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gonçalves Filho, J. M. (2007). Humilhação social: humilhação política. In: SOUZA, B. P. (org.) Orientação à queixa escolar, (pp. 187-221). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mancebo, D. (2004, setembro/dezembro). "Universidade para Todos": a privatização em questão. Pro-Posições, (Vol. 15), 3 (45), 75-90.

Mesquita, M. R. (2006). Identidade, cultura e política: os movimentos estudantis na contemporaneidade. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.

Poerner, A. J. (1979). O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ribeiro Neto, A. (1985). Um laço que não une mais. Desvios, 4, 58-71.

Romão, J. E. & Monfredini, I. (2009). Prometeu desacorrentado: educação superior na Ibero-américa. Brasília: Liber Livro.

Sader, E. S. (1988). Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Santos, M. C. L. (Org.). (1988). Maria Antonia: uma rua na contramão. São Paulo: Nobel.

Silva, M. A. & Silva, R. B. (2006). A ideia de universidade: rumos e desafios. Brasília: Liber Livro.

Silva, F. L. A perda da experiência da formação na universidade contemporânea. (2001). Tempo Social: revista de sociologia da USP, 13 (1),

27-37.

Silva Junior, J. R. (2004, setembro/dezembro). A construção da cultura mercantil da universidade brasileira: uma aproximação histórica. Pro-Posições. (Vol. 15), 3 (45), 117-141.